

## **ACOMPANHANDO A DIFERENÇA NA CIDADE: POR REDES DE DESINSTITUCIONALIZAÇÃO DA LOUCURA**

Coordenador: ANALICE DE LIMA PALOMBINI

Autor: CECÍLIA SUÑÉ NOVOSSAT

A Reforma Psiquiátrica Brasileira deu início à transformação na atenção em saúde mental no país, em processo há mais de vinte anos. Desde a primeira lei estadual, o modelo de atenção tem migrado de uma atenção centrada no hospital psiquiátrico para uma rede de serviços com diferentes complexidades de atenção, voltados ao território do usuário. Essas mudanças inauguram diferentes práticas territoriais e novos saberes em saúde. Criam-se dispositivos e serviços como Centros de Atenção Psicossocial (CAPS), Oficinas de Geração de Renda, Residências Terapêuticas, buscando-se sua articulação em rede com outros níveis de atenção em saúde e mesmo com outros campos das políticas públicas (educação, assistência social, trabalho, cultura). Os resultados já obtidos são positivos, dando mostras da potência de transformação contida na política de reforma consolidada a partir do SUS. Contudo, impõe-se ainda, como desafio, a formulação e aperfeiçoamento de estratégias clínico-políticas, com ênfase nas ações intersetoriais, articuladas às redes de inclusão social e de garantia dos direitos humanos; sobretudo, é preciso fomentar a experimentação dessas estratégias nas formações de trabalhadores em serviço e nas formações universitárias, nos percursos de graduação das profissões da saúde e nas residências multiprofissionais, articulando a gestão do trabalho à educação em saúde na perspectiva requerida pelas políticas públicas preconizadas pelo SUS. O Acompanhamento Terapêutico &#8722; entendido como uma "clínica sem muros", que se realiza no espaço urbano, entre lugares &#8722; surge, nesse contexto, como uma das estratégias a explorar. Ele é emblemático do contágio das disciplinas da saúde com o espaço e tempo da cidade, no momento em que a reforma psiquiátrica impõe o deslocamento de seus profissionais, do âmbito fechado do hospital, para o espaço aberto e múltiplo da cidade. A prática do Acompanhamento Terapêutico, inserida em espaços da cidade e no cotidiano dos serviços, vem ao longo dos anos beneficiando um número expressivo de usuários desses serviços e suas redes familiares, possibilitando a ampliação de seus laços sociais e reduzindo o número de internações psiquiátricas. Ao mesmo tempo, faz-se acompanhar de efeitos institucionais importantes, ao trazer, para dentro do serviço, um conjunto de informações novas, relativas ao contexto da vida cotidiana daquele usuário, implicando um outro olhar sobre o mesmo, exigindo da

equipe reposicionar-se com respeito ao caso e na relação entre seus membros, como coletivo de trabalho. As inúmeras experiências de utilização desta ferramenta na rede de saúde ou na desinstitucionalização de Hospitais Psiquiátricos demonstram a potência do dispositivo do Acompanhamento Terapêutico: 1) como tecnologia clínico-política de atenção na rede pública de saúde mental condizente com a estrutura, função e dinâmica dos seus serviços substitutivos; 2) como estratégia de formação clínico-política tanto no âmbito universitário das profissões do campo da saúde como na educação continuada dos trabalhadores da rede; 3) como ferramenta útil ao processo de implantação e análise da Reforma Psiquiátrica. Dessa forma, este projeto visa a implementação da prática de Acompanhamento Terapêutico em uma perspectiva de desinstitucionalização como campo de prática no curso de graduação em psicologia desta Universidade. Tal proposta tem como foco demandas de AT formuladas por instituições diversas, que incluem, além dos serviços de saúde e saúde mental, Ministério Público, Vara de Penas e Medidas Alternativas, Escolas Inclusivas... - ou por familiares de pessoas para quem se requer um AT e que não mantêm vínculo com instituições de tratamento, visando a construção de novos modos de encontro entre a instituição de atendimento em saúde mental e seus usuários, através da ferramenta do acompanhamento terapêutico: modalidade da clínica que se propõe a acompanhar um sujeito no seu cotidiano, favorecendo a sua circulação social e a ampliação de seus laços e possibilidades de vida. O projeto tem como objetivo geral portunizar a formação em Saúde Mental Coletiva, multiprofissional e interdisciplinar, articulando conhecimentos e práticas da atenção psicossocial vinculados aos processos de desinstitucionalização, dessegregação e inclusão social. Conta, em sua equipe atual, com uma bolsista de extensão e quatro estagiários de psicologia responsáveis, cada um, pelo acompanhamento terapêutico em encontros semanais de até quatro casos, encaminhados pelas equipes dos serviços envolvidos. A equipe se reúne semanalmente, junto com a docente coordenadora do projeto, para supervisão dos casos acompanhados e leitura e discussão de textos. Os casos em acompanhamento até o momento foram encaminhados pelas seguintes instituições ou serviços: Vepma, Casom/Faders, Caps-ad/PMPA, G10/SAJU, e busca espontânea por um familiar. O projeto, em sua atual configuração, é recente, mas os acompanhamentos em curso já nos permitem observar algo que, nesse trabalho que se propôs "prá cidade", apresenta-se de forma distinta das experiências anteriores deste projeto. Vemo-nos às voltas, de início, com algo que, nas experiências anteriores de AT, circunscritas a um serviço, não se colocava, ao menos não de forma tão aguda, mesmo quando implicava relação com outros serviços. Por um lado, a rede que se quer frequentemente se apresenta como um emaranhado de serviços e setores das políticas públicas que, buscando

cumprir a finalidade de atendimento à população, terminam por fazer submergir a singularidade dos sujeitos a quem se pretende acompanhar, ao ponto que se torna um desafio localizá-los nesse emaranhado, escutar suas vozes, acompanhar o fio de suas histórias, discernir demanda, desejo. Por outro lado, ao mesmo tempo em que o AT é uma via possível, às vezes a única, de aproximação aos sujeitos que justamente resistem a ser capturados por essa teia institucional, corre o risco de se tornar também instrumento de captura (é o fio da navalha de nossas práticas psi). A experiência desse risco constitui-se em ferramenta potente de formação de graduandos para o trabalho intersetorial em saúde mental.